

TENDÊNCIAS EDUCACIONAIS E O PAPEL DO PROFESSOR

DOI: 10.5281/zenodo.21227529

Saulo Bandeira Durval

Graduado em Letras pela Universidade Salgado de Oliveira. Especialização em Literatura Inglesa pela Faculdade Frassinetti de Recife. Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. saulodurval@hotmail.com

RESUMO: Este artigo tem por objetivo destacar reflexões necessárias sobre a contemporaneidade educacional enquanto conjunto de transformações e desafios que refletem as mudanças sociais, tecnológicas e culturais do século XXI. Nos paradigmas atuais, há uma crescente valorização do papel do educador como mediador do conhecimento, fomentando uma abordagem mais dialógica e participativa na aprendizagem. Essas tendências enfatizam a incorporação de metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em projetos, o uso de tecnologias digitais e estratégias de ensino personalizadas, que colocam o trabalho do professor no centro do processo de transformação educativa. Além disso, há um necessário interesse na formação contínua dos profissionais da educação, visando fortalecer suas competências pedagógicas e promover um ambiente escolar mais democrático e atento às demandas sociais. Assim, a centralidade do trabalho pedagógico reflete uma compreensão de que o sucesso educacional depende da qualificação e do protagonismo do educador, conectado às tendências que buscam uma educação mais humanizada, crítica e inovadora. O presente trabalho se lastreia nas abordagens de Moran, Levy, dentre outros estudiosos que se debruçaram acerca do tema aqui enfocado. As palavras aqui emprestadas servem de reflexão para que percebamos que a necessidade de pensar a transmissão do conhecimento deve acompanhar as tendências sociais e as tecnologias que as cercam.

Palavras-chave: Práticas. Professor. Ensino. Tecnologia. Educação.

ABSTRACT: This article aims to highlight necessary reflections on educational contemporaneity as a set of transformations and challenges that reflect the social, technological, and cultural changes of the 21st century. In current paradigms, there is a growing appreciation for the role of the educator as a knowledge mediator, fostering a more dialogical and participatory approach to learning. These trends emphasize the incorporation of active methodologies, such as project-based learning, the use of digital technologies, and personalized teaching strategies, which place the teacher's work at the center of the educational transformation process. Additionally, there is a vital interest in the continuous training of education professionals, aiming to strengthen their pedagogical skills and promote a more democratic school environment attentive to social demands. Thus, the centrality of pedagogical work reflects an understanding that educational success depends on the qualification and protagonism of the educator, connected to trends that seek a more humanized, critical, and innovative education. This work is based on the approaches of Moran, Levy, and other scholars who have studied the topic at hand. The words borrowed here serve as a reflection to realize that the need to think about the transmission of knowledge must follow social trends and the technologies that surround them.

Keywords: Practices. Teacher. Learning. Technology. Education

1 Introdução

A discussão e a reflexão do trabalho pedagógico nas tendências educacionais contemporâneas destacam-se como elementos fundamentais para a construção de práticas educativas mais sólidas, inovadoras e inclusivas. Nesse contexto, a educação busca se adaptar às demandas de uma sociedade marcada pela velocidade da informação, pela conectividade global e pela diversificação de saberes e culturas. O lastreamento considerando as principais tendências é a incorporação das tecnologias digitais ao conjunto sequenciais de ensino e aprendizagem, possibilitando ambientes educacionais mais interativos, acessíveis e personalizados.

Além disso, há uma valorização crescente da formação crítica e reflexiva dos estudantes, estimulando o protagonismo, a autonomia e o pensamento inovador. A inclusão social e a promoção de um processo educativo mais democrático também são prioridades, buscando garantir oportunidades iguais a todos os indivíduos, independentemente de suas diferenças socioeconômicas, culturais ou físicas.

A educação na contemporaneidade também enfrenta o desafio de desenvolver competências socioemocionais, promovendo o bem-estar, a ética e a responsabilidade social. Nesse cenário, o papel do educador é fundamental, atuando como mediador, facilitador e agente de transformação, capaz de promover uma educação mais cidadã e conectada às demandas modernas.

Noutra toada, o presente trabalho foi estruturado de modo a posicionar a atividade laboral do professor na educação contemporânea sendo este fundamental e multifacetado, refletindo as mudanças e demandas de uma sociedade em constante transformação. Nesse cenário, o educador deixa de ser apenas transmissor de conhecimentos para assumir uma posição de mediador, facilitador e inspirador do aprendizado. Ele deve estimular o pensamento crítico, deve inspirar a criatividade e incentivar a autonomia dos estudantes, promovendo uma aprendizagem mais significativa e participativa.

Além disso, o professor na contemporaneidade precisa estar atento às novas tecnologias e aos recursos digitais, aproveitando-os para substanciar o processo educativo e tornar as aulas mais dinâmicas e acessíveis. É importante também que o professor se posicione como agente atuante em promover a inclusão e a diversidade, criando ambientes escolares mais democráticos, acolhedores e justos.

Outro aspecto crucial é a formação contínua do professor, que deve estar sempre atualizado com as novas metodologias e tendências pedagógicas, para responder às novas demandas sociais e culturais. Nesse sentido, o educador atua como agente de transformação social, cultivando valores de ética, responsabilidade e cidadania. É nesse aspecto que se insere o pensamento de Pontes, cuja clareza e profundidade seguem imprescindíveis, mesmo diante das mutações tecnológicas mais recentes:

Em termos culturais e políticos permanece completamente em aberto, não resta dúvida, que haverá implicações muito importantes no campo da educação. Mas é possível melhorar o padrão dos profissionais, estudantes e educadores incluindo a aquisição de habilidades, como o uso de bases de conhecimento, o uso de bases de dados e da Internet como fontes de informação, mas também como as novas tecnologias podem se tornar uma ferramenta pedagógica para assegurar as competências essenciais, como auto aprendizado e avaliação do próprio autodidata, ou a aprendizagem e

trabalho colaborativo (Pontes, 2011).

Essa definição nos posiciona em sentido de perceber o professor não como adversário da inovação, mas como protagonista da reconfiguração epistemológica.

2 Educação e Tecnologia

A pedagogia que emerge da era digital exige uma radicalização da escuta, da curadoria e da ética do cuidado. O docente é convocado a atuar como artesão da atenção num mundo de dispersões, como intérprete da complexidade num tempo de excessos. Mais do que dominar ferramentas tecnológicas, deve ser capaz de construir experiências formativas que reúnam sensibilidade estética, rigor epistêmico e compromisso ético. Em outras palavras, deve transitar da função de “ensinante” para a de pensante, e, sobretudo, de provocador — aquele que inquieta, desestabiliza, interroga.

Não se trata, evidentemente, de um deslocamento simples. Muitos sistemas educacionais ainda operam sob lógicas hierárquicas e conteudistas que ignoram o potencial emancipador das tecnologias quando pensadas como mediações e não como fins em si mesmas. Assim, o desafio não é meramente técnico, mas político, epistemológico e existencial. A inserção das TICs na educação exige uma reinvenção dos modos de aprender e ensinar — o que implica também uma nova concepção de sujeito, de tempo e de espaço pedagógico.

A docência, nesse novo horizonte, não se define pela transmissão do já-sabido, mas pela possibilidade de fazer emergir saberes outros — situados, críticos, transdisciplinares. O professor, ao problematizar os dados apresentados, ao contextualizá-los e adaptá-los à realidade dos alunos, “transforma informação em conhecimento e conhecimento em saber, em vida, em sabedoria – o conhecimento com ética” (LÉVY, 1993, p. 25). O ambiente da sala de aula deixa de ser um ambiente de certezas para se tornar um espaço de enunciação do inacabado, onde o conhecimento é vivido como travessia e não como ponto de chegada, e essa reconceituação do papel docente não anula as responsabilidades didáticas nem desvaloriza o saber sistematizado. Pelo contrário: exige ainda mais rigor, mais compromisso com a formação integral do sujeito. Mas esse rigor não é o da repetição estéril; é o da abertura ao outro, à imprevisibilidade, à construção coletiva de significados. Nesse sentido, a mediação tecnológica, quando guiada por intencionalidade formativa, pode se tornar aliada poderosa da práxis pedagógica emancipadora.

A presença das tecnologias na sala de aula não pode mais ser lida apenas como acréscimo instrumental ao fazer pedagógico. A mudança que ela instaura não se circunscreve ao campo das ferramentas, mas invade o terreno das epistemologias, dos modos de habitar o

conhecimento e das instrumentalizações de construção da subjetividade docente. É nesse cenário que se insere a tarefa da docência contemporânea: resistir ao automatismo da técnica e, ao mesmo tempo, assumir o risco da invenção. A prática educativa, para além da repetição dos protocolos formais, demanda uma escuta das novas linguagens e uma reconfiguração das sensibilidades cognitivas, de tal modo que a inserção dessas tecnologias no cotidiano escolar só será frutífera se for acompanhada de um deslocamento de paradigma: de um modelo transmissivo para uma ecologia do saber. Esse deslocamento exige mais do que a atualização do professor quanto ao uso de ferramentas digitais; exige a recriação de sua própria função social. É nesse contexto que se torna inaceitável tratar o professor como mero operador de sistemas pré-fabricados. Pelo contrário, ele deve ser reconhecido como designer cognitivo, como agente de curadoria e reinvenção do espaço-tempo educativo.

3 O Papel do Docente nas Práticas Digitais

Nesse cenário, o professor não apenas ensina com tecnologias, mas aprende com elas e, sobretudo, aprende a pensar o que elas transformam no próprio ato de ensinar. A tarefa formativa, nesse sentido, não pode se reduzir à adesão a plataformas, mas deve promover um exercício contínuo de desnaturalização, problematização e reinvenção dos dispositivos. Em última instância, trata-se de deslocar o eixo da pergunta: não se trata de *como* usar a tecnologia na educação, mas de *o que* a educação pode se tornar na era das tecnologias conectivas.

É nesse entrelaçamento de técnica e sensibilidade que se inscreve o verdadeiro desafio da educação contemporânea: não se pode formar sujeitos críticos e criativos com educadores que se ausentam afetiva ou intelectualmente do fazer pedagógico. A realidade aumentada, a inteligência artificial e a internet, por mais potentes que sejam, não suprimem — antes exigem — a presença de mestres inteiros, que pensem com o corpo, com a emoção e com o espírito. Assim, o avanço tecnológico paradoxalmente revaloriza a figura do educador como alguém que é, simultaneamente, tradutor e provocador de sentidos. Nesse contexto, a reflexão de Moran adquire contornos ainda mais incisivos.

A maturidade intelectual e emocional evocada por Moran não se refere a uma estagnação ou conforto técnico, mas à difícil arte de manter-se disponível ao novo sem se desintegrar nele. É a maturidade que se opõe ao cinismo e à apatia, que reconhece os limites do saber acumulado sem abdicar da responsabilidade de formar. O educador maduro não é aquele que tudo sabe, mas aquele que aprendeu a sustentar perguntas com coragem e a resistir ao apelo das respostas fáceis. Num tempo em que a informação se tornou onipresente e volátil, o que

distingue o mestre não é o volume do que sabe, mas a qualidade do que desperta nos outros.

Assim, o encontro pedagógico passa a ser um acontecimento raro e precioso, em que dois sujeitos — o educador e o educando — se constroem mutuamente. Tal acontecimento não se produz por meio de algoritmos ou sistemas de gestão da aprendizagem, mas na tessitura delicada da confiança, da escuta e da inspiração. Ensinar, nesse horizonte, é também um ato de exposição, de entrega e de vulnerabilidade. Trata-se, portanto, de reabilitar o docente como figura simbólica de alteridade: alguém cuja presença transforma, não porque impõe verdades, mas porque suscita deslocamentos.

A epistemologia da educação, quando confrontada com a vertiginosa aceleração das transformações tecnológicas, não pode permanecer aprisionada a paradigmas formativos anacrônicos. A obsolescência das estruturas pedagógicas tradicionais torna-se ainda mais evidente quando observamos que os modos de produção, circulação e apropriação do conhecimento são, hoje, profundamente mediados por dispositivos técnicos e digitais. A centralidade da escola como local privilegiado de transmissão do saber é desafiada por um ecossistema informacional ubíquo, em que a hierarquia entre emissor e receptor se dissolve em redes reticulares.

Desse modo, aqui não se defende simploriamente a inserção de dispositivos tecnológicos em ambientes de aprendizagem como quem injeta remédios em organismos doentes. A questão fundamental não é a técnica em si, mas o redesenho ontológico que ela impõe aos sujeitos e às instituições. Nessa perspectiva, a educação contemporânea precisa se reconhecer como um campo em permanente travessia — do texto ao hipertexto, da centralização à descentralização do saber. A Atividade laboral do professor, nesse contexto, não se esgota na incorporação instrumental de utensílios digitais, mas exige uma mutação epistemológica profunda: o educador, mais do que mestre de conteúdos, precisa tornar-se cartógrafo de percursos cognitivos imprevisíveis, considerando o espaço cibernético como ambiente favorável para esse percurso. Nas palavras de Levy:

O espaço cibernético envolve dois fenômenos que estão acontecendo ao mesmo tempo: a numerização que implica plasticidade de potencial de todas as mensagens seria o primeiro aspecto e o fato de que as mensagens potenciais são postas em rede, e fluxo é o segundo fenômeno. Desta forma, o espaço cibernético está tomando um lugar essencial, um futuro próximo de comunicação humana e de pensamento humano (Levy 2000, p.15)

Essa constatação não deve ser lida como um apelo à simples digitalização do ensino ou à fetichização dos aparatos eletrônicos. Ao contrário, ela exige uma reflexão mais refinada sobre os modos de subjetivação produzidos por essas tecnologias. O rádio e a televisão, ISSN:2966-4705

enquanto mídias de massa, instauraram um modelo comunicacional unidirecional, que moldou a escuta e a passividade do receptor. Já o advento dos computadores e das mídias interativas deslocou o centro da experiência para o usuário, abrindo espaço para formas mais ativas, porém também mais fragmentadas, de envolvimento com o conhecimento.

A pedagogia, quando interpelada por essa nova topografia, precisa assumir um papel performativo: não apenas ensinar sobre o mundo, mas ensinar a habitar o mundo. Trata-se de cultivar uma ecologia da atenção (Stiegler), uma estética da escuta (Nancy), uma política da presença (Agamben). De modo mais assertivo, o processo educacional não pode continuar funcionando como se os corpos escolares estivessem ainda inseridos em uma temporalidade analógica. O tempo da escola e o tempo do mundo não coincidem mais. Daí emerge uma urgência ética: repensar o pacto formativo à luz das mutações tecnoculturais, sem cair no entusiasmo ingênuo, tampouco no ceticismo reacionário.

Desse modo, o papel do educador desloca-se da cotidiana transmissão do conteúdo para o zelo com a experiência vivida. O foco, nessa perspectiva se afasta do plano de buscar a necessidade de que o aluno “aprenda tudo”, mas de permitir que ele construa, com liberdade e rigor, percursos singulares de significação. As tecnologias, nesse processo, não são apenas ferramentas, mas espaços de inscrição simbólica. Um CD-ROM interativo não é apenas um repositório de informações, mas uma arquitetura de possibilidades; um ambiente digital não é apenas um meio neutro, mas uma linguagem que modela o próprio pensamento.

É preciso, pois, articular uma pedagogia do sensível com uma pedagogia do técnico — sem dicotomias, sem nostalgias. A potência formativa do digital não está em sua capacidade de substituir o professor, mas em sua possibilidade de ampliar, tensionar e recriar os modos de ensinar e aprender. Nesse sentido, mesmo as “áreas mais remotas”, que por tanto tempo foram excluídas das grandes redes do saber, podem agora integrar-se ao circuito planetário de informação, desde que haja intencionalidade pedagógica, justiça cognitiva e ética da escuta.

A tarefa que se impõe, por fim, é a de construir uma educação imersiva: aquela que, ao invés de reagir às tecnologias, assume sua presença como matéria-prima da formação humana. Isso significa compreender a escola como um laboratório de futuro, um espaço de experimentação, de criação e de resistência crítica. A tecnologia, neste novo cenário, não é fim nem meio: é condição ontológica do presente — e, como tal, precisa ser lida, interrogada e reconfigurada pela práxis pedagógica.

Considerações Finais

A partir da perspectiva apresentada, as tecnologias digitais ocupam um papel central na contemporaneidade, influenciando todos os vieses da sociedade, especialmente a educação, o trabalho, as relações sociais e a manutenção dos aspectos culturais. Elas devem ser vistas como ferramentas essenciais para promover a inovação, democratizar o acesso à informação e ampliar as possibilidades comunicativas, bem como as nuances colaborativas entre indivíduos e grupos.

Na era digital, as tecnologias devem ocupar um lugar de protagonismo na transformação dos processos educativos, permitindo práticas pedagógicas mais interativas, personalizadas e inclusivas. É fundamental que sejam integradas de forma consciente e planejada, promovendo a incorporação e aprimoramento de competências digitais, estimulando o pensamento crítico, intentando a criatividade e reforçando a percepção autônoma necessária dos indivíduos. Assim, as tecnologias deixam de ser meros recursos e passam a ser componentes estratégicos para criar ambientes de aprendizagem mais estimulantes e relevantes.

Dessa forma, a educação contemporânea exige uma postura flexível e aberta às mudanças, incentivando a inovação pedagógica e o diálogo constante entre teoria e prática, no intuito de formar indivíduos capazes de atuar de forma ética, crítica e criativa no mundo atual.

A análise aqui empreendida permite-nos compreender que a docência contemporânea se vê interpelada não apenas por uma mudança de instrumentos, mas por uma transfiguração profunda das estruturas epistemológicas, comunicacionais e éticas que sustentam o ato educativo. A incorporação das tecnologias digitais, diferentemente da visão de ser simploriamente um dado externo, tornou-se uma condição ontológica do presente — um vetor constitutivo da realidade, que atravessa os modos de ser, pensar e aprender. Diante desse quadro, pensar a docência é, inevitavelmente, pensar suas mediações: entre o humano e o digital, entre o presencial e o remoto, entre a escuta e o ruído, entre a tradição e a reinvenção.

Por fim, o papel do professor no processo educacional na contemporaneidade está diretamente ligado à sua habilidade de criar uma relação de confiança, respeito e diálogo com seus estudantes, contribuindo para o desenvolvimento integral do indivíduo e para uma sociedade mais democrática e plural.

Referências Bibliográficas

AMARAL, P.; ISOTANI, S.; PALOMINO, P. **Uma análise do ensino presencial e remoto com o online através de plataformas computacionais de ensino para estudantes de graduação de engenharia**. Anais dos Trabalhos de Conclusão de Curso da Pós-Graduação em
ISSN:2966-4705

Computação Aplicada à Educação, Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2020. Disponível em: https://especializacao.icmc.usp.br/documentos/tcc/patricia_amaral.pdf. Acesso em: 19 jul. 2025.

CASCARELLI, Carla Viana. **O uso da informática como instrumento de ensino-aprendizagem**. Belo Horizonte: Presença Pedagógica, 1998.

EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO E TECNOLOGIAS (EFT). **Da página ao(s) ecrã(s): tecnologia, educação e cidadania digital no século XXI**. v. 4, n. 2, 2011. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edufom/v04n02/v04n02a09.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2025.

FERREIRA, M. J. M. A. **Novas tecnologias na sala de aula**. 2014. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2009.

REVISTA AMOR MUNDI. **Tecnologias, cidadania e educação: estratégias para lidar com os riscos das práticas digitais nas instituições escolares**. 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/374971455_TECNOLOGIAS_CIDADANIA_E_EDUCACAO ESTRATEGIAS PARA LIDAR COM OS RISCOS DAS PRATICAS DIGITAIS NAS INSTITUICOES ESCOLARES. Acesso em: 28 jun. 2025.

REVISTA ILUSTRAÇÃO. **Uso da tecnologia na educação e sua relação com a cidadania digital: vivenciando práticas digitais e seus riscos no contexto das instituições de ensino**. 2023. Disponível em: <https://revistailustracao.com.br/index.php/ilustracao/article/view>. Acesso em: 8 jul. 2025.